

SANTIAGO, CHILE

AB-2102
19 março 2001
Original: inglês

DISCURSO DA GOVERNADORA PELA SUÉCIA
NA SEGUNDA SESSÃO PLENÁRIA

Gun-Britt Andersson

1. Constitui para mim um grande prazer e um privilégio usar da palavra na Reunião Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento deste ano. É igualmente um prazer visitar este belo país que nos recebe e desfrutar da hospitalidade chilena. Portanto, quero aproveitar esta oportunidade para agradecer profundamente a nossos anfitriões.
2. Depois de 40 anos e oito reposições de recursos, o Banco Interamericano de Desenvolvimento está financeiramente maduro para prosseguir o seu trabalho na região sem novas reposições. Como o mais importante provedor de financiamento para o desenvolvimento da América Latina e do Caribe, o BID é um precioso parceiro para todos nós, mutuários ou não. Para nós, o futuro do Banco é importante.
3. Aprecio a oportunidade de participar deste debate sobre o mandato e o papel do Banco na região. Aliás, gostaria que nós, governadores, passássemos a participar rotineiramente dos debates sobre os futuros rumos estratégicos do Banco.
4. Nas palavras de seu próprio Presidente, até agora o grupo de trabalho que trata da Estratégia Institucional, enfatizou muito mais o “como” – a forma como o BID poderia fazer melhor as coisas - do que o “quê” – as coisas que deve fazer. Todavia, o grupo trabalhou muito bem e considero altamente valioso o seguimento a nós apresentado nesta ocasião.
5. O relatório contém um interessante adendo, que toca no “quê”, ou seja, nas coisas que se devem fazer, e as relaciona com as áreas prioritárias por intermédio das quais alcançar os objetivos. Aprecio a ambição subjacente a este adendo. Visa concentrar o foco e esclarecer a missão do BID, algo que já pedimos em ocasiões anteriores. Por exemplo, eu veria com satisfação um debate onde deixássemos esclarecidos, estabelecidos e aprofundados tanto o entendimento das relações entre pobreza e

desigualdade, como as relações entre os objetivos e as áreas prioritárias. A este respeito, permitam-me formular algumas observações.

6. Primeiro, o “quê”. Como todos sabem, as áreas cruciais da Oitava Reposição eram a redução da pobreza e a equidade social, a modernização e a integração, bem como o desenvolvimento ambientalmente sustentável. Se olharmos hoje para a região, veremos que se fizeram progressos consideráveis, particularmente na área da gestão macroeconômica, da recuperação e da integração econômica na economia mundial. Contudo, perduram muitas limitações. Devido a estas limitações e à recente crise financeira, as reformas não produziram os resultados almejados e os níveis de pobreza são agora mais altos do que na década de 80. Segundo um relatório da CEPAL, a equidade social não apresenta nenhuma tendência sustentada para a melhoria. Diante do potencial e das expectativas que todos abrigamos, também o crescimento foi algo decepcionante.

7. A meu ver, é portanto essencial que continuemos concentrados nos esforços do Banco para reduzir a pobreza e promover a equidade social (como expressão de nossa ênfase neste ponto, a Suécia apóia o Foro da Equidade Social). Naturalmente, o Banco só pode ajudar os países se eles próprios atribuírem alta prioridade a esses objetivos. Nesse contexto, muito me estimulou a recente declaração de guerra à pobreza formulada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, do Brasil. Por trás do plano Puebla-Panamá, do Presidente Fox, do México, está uma guerra semelhante e igualmente bem-vinda.

8. Os países que se voltam para o BID em busca de ajuda para reduzir a pobreza e a desigualdade social são países de renda tanto média quanto baixa, com economias grandes e pequenas. Como exemplo da grande variação ao longo do antigo Caminho Real, um artigo oriundo do BID compara as rendas per capita do México-NAFTA (US\$4.987) e do México centro-americano (US\$2.700). Na América Central propriamente dita, a renda per capita é ainda mais baixa (US\$1.600). O Banco necessita de achar uma resposta adequada para todas essas distintas realidades sócio-econômicas, mas tem uma responsabilidade especial pelos países mais pobres da região.

9. Parte da resposta consiste em promover um crescimento elevado e sustentado em todos os países da América Latina e do Caribe. Uma das contribuições mais importantes para este fim é intensificar a mobilização de recursos internos para investimento.

10. Para reduzir a pobreza, porém, como mostra o exemplo do Chile, o crescimento elevado tem de ser acompanhado por intervenções diretas de política cuidadosamente planejadas. Entre elas figuram a reforma tributária e o aperfeiçoamento da arrecadação de impostos, para que o país tenha condições de financiar despesas sociais mais altas. Outro aspecto do crescimento, cuja importância está para ser reconhecida, é o elo entre progresso econômico e gênero.

11. O relatório da CEPAL já mencionado diz também que os dados existentes não mostram sinais claros de que esteja sendo contida a deterioração ambiental da região. Nesta área o Banco necessita agir como parceiro da região. Concordo com o Sr. Ocampo,

Secretário Executivo da CEPAL, quando, em seu artigo intitulado *Rethinking the Development Agenda* (Repensando a Agenda do Desenvolvimento), acentua a incorporação efetiva do conceito de desenvolvimento sustentável às estratégias de produção, tanto na forma de métodos e tecnologias limpos de produção quanto na forma de políticas ambientais mais proativas.

12. A modernização, naturalmente, é um conceito mais amplo do que a democracia, mas embora possamos presenciar grandes avanços nesta área em muitos países latino-americanos – e gostaria de mencionar a propósito, especialmente, o extraordinário progresso alcançado por nosso anfitrião, o Chile – a democracia ainda luta com dificuldades na América Latina. É causa de frustração o fato de não ter correspondido às expectativas de tantos que contavam com melhores condições de vida. Diante disso, as respostas têm de ser o aprofundamento da democracia e o desenvolvimento de instituições que propiciem boa governança.

13. É claro que a agenda da Oitava Reposição permanece válida. A globalização apenas aumentou o sentimento de urgência para alcançar os objetivos do BID-8. Reduzir a pobreza, aumentar a equidade e a eficiência do Estado ao tratar das necessidades de seus cidadãos, avançar rumo ao desenvolvimento ambientalmente sustentável, reforçar os valores da democracia e da solidariedade – todos estes são pontos-chaves para transpor o fosso que separa a América Latina e o Caribe da globalização.

14. E agora, falemos do “como”. Creio que o papel do setor privado no processo de desenvolvimento desta e de outras regiões continuará crescendo, como resultado das reformas em andamento, fato que constato com prazer. O papel que o BID deveria desempenhar nesse contexto é uma das questões que foram levantadas nesta reunião, intimamente ligada ao debate sobre os objetivos do Banco.

15. Em termos gerais, concordo com a lista de recomendações formuladas no criterioso relatório do Grupo Externo de Revisão sobre as operações do setor privado. No entanto, antes que se tome uma decisão específica sobre elas, gostaria de presenciar uma discussão muito mais ampla sobre as relações entre essas recomendações e os objetivos de desenvolvimento do Banco.

16. Como novo membro da Corporação Interamericana de Investimentos, a Suécia tem particular interesse em ver como se poderia reforçar a cooperação atualmente débil entre as distintas partes do Banco que tratam do setor privado. O BID necessita usar sua experiência operacional obtida nas distintas áreas para realizar todo o seu potencial como parceiro, por exemplo na decisiva área da promoção de um ambiente propício ao setor privado. Em particular, o Banco poderia agir como catalisador do desenvolvimento de mercados internos de capital. Sem uma coesão maior entre as partes que hoje atuam separadas, o seqüenciamento não pode ser usado como ferramenta, nem se podem realizar sinergias potenciais.

17. Outra questão levantada antes da Reunião Anual refere-se aos instrumentos de crédito. O problema da superação do atual teto de 15% para os empréstimos em apoio a

reformas é apresentado com franqueza. Também neste caso, é preciso analisar várias outras questões antes de decidir. Entre essas questões figura a forma de resolver o problema do teto a tais empréstimos, não só a curto mas também a longo prazo, de modo que a solução fique estreitamente ligada aos objetivos do Banco. Questões semelhantes estão sendo discutidas no Banco Mundial. Por conseguinte, há necessidade de tomar decisões fundamentadas, com base em cuidadosa análise. Por exemplo, é preciso explorar as relações entre o aumento dos empréstimos em apoio a reformas e a mobilização internas de recursos. Já que a área dos instrumentos de crédito ocupa uma posição de tal proeminência para a eficácia do Banco como instituição de desenvolvimento, gostaria de ver a Comissão da Assembléia de Governadores continuar ativa neste particular e gostaria também que o tema lhes fosse submetido para novos debates.

18. Como um dos bancos multilaterais de desenvolvimento, o BID combina os elementos interdependentes de universalidade, legitimidade, eficiência e capacidade de mobilização de recursos. Por conseguinte, está em boa posição para lidar com a complexidade dos desafios regionais. Há trabalho em andamento em várias áreas, onde as autoridades dos países latino-americanos e caribenhos se reúnem para definir sua futura agenda comum de trabalho.

19. Gostaria também de mencionar algumas áreas em que o BID pode dar uma contribuição, mas onde também há necessidade de outros parceiros, tanto regionais quanto extra-regionais.

20. Volatilidade financeira e econômica. Trata-se obviamente de um problema em relação ao qual as fronteiras não têm relevância. É talvez a mais importante causa isolada de grandes aumentos nas rendas em nível de pobreza. Deveríamos discutir mais essa questão na conferência do próximo ano sobre o financiamento do desenvolvimento, no México.

21. Numa região onde o crime e a violência se tornaram barreiras ao investimento econômico, a segurança dos cidadãos é um bem público regional desejável. O crime e a violência estão intimamente ligados à desigualdade que existe na região. Nesse contexto, quero manifestar meu reconhecimento ao BID por falar com tamanha clareza sobre as crianças de rua, a delinquência juvenil e a violência doméstica enquanto questões do desenvolvimento.

22. O HIV-AIDS está se caracterizando como um grave problema para o desenvolvimento também nesta região. Há que incluir nos nossos programas a prevenção e o combate a esta fatal enfermidade.

23. Tráfico – de drogas, pessoas e dinheiro. Também nesta questão as fronteiras são vagas. As causas subjacentes ao tráfico tendem a ser complexas, mas certamente a pobreza da população e a fraqueza do Estado figuram entre as principais. Neste contexto, gostaria de manifestar uma preocupação especial com a situação da Colômbia. Para a Suécia, uma das prioridades durante nosso período na presidência da União Européia é a

promoção do diálogo e da paz na Colômbia, e um fator crucial neste sentido é o combate às drogas.

24. A promoção e financiamento de bens públicos regionais são áreas em que o BID tem um papel e em que está desenvolvendo instrumentos e espaços de cooperação. De fato, o BID e seu Presidente constituem um bem público regional! Com um conjunto global de membros e um mandato regional específico, o BID desempenha um papel sem paralelo na América Latina e Caribe. Está em boa posição para estabelecer parcerias estreitas com a região e uma cooperação de longo alcance com parceiros globais.

25. A Suécia, que, após alguns anos de problemas econômicos, está novamente em condições de aumentar substancialmente suas alocações à cooperação para o desenvolvimento internacional, quer continuar a ser um dos parceiros ativos e construtivos do Banco. Estamos ansiosos por uma colaboração estreita e proveitosa com o Banco Interamericano de Desenvolvimento nos anos vindouros.